



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FROENTEIRA SUL  
CAMPUS DE REALEZA  
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**ANDRÉIA BELUSSO**

**SEXUALIDADE E SURDEZ: SOBRE O SILENCIAMENTO DA VIVÊNCIA SEXUAL  
DE DOIS JOVENS SURDOS DO SUDOESTE DO PARANÁ**

**REALEZA**

**2015**

**ANDRÉIA BELUSSO**

**SEXUALIDADE E SURDEZ: SOBRE O SILENCIAMENTO DA VIVÊNCIA SEXUAL  
DE DOIS JOVENS SURDOS DO SUDOESTE DO PARANÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Ciências Biológicas da  
Universidade Federal da Fronteira Sul, como  
requisito para obtenção do título de Licenciado  
em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Izabel Aparecida  
Soares

**REALEZA**

**2015**

**ANDRÉIA BELUSSO**

**SEXUALIDADE E SURDEZ: SOBRE O SILENCIAMENTO DA VIVÊNCIA SEXUAL  
DE DOIS JOVENS SURDOS DO SUDOESTE DO PARANÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Izabel Aparecida Soares

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>.Dr<sup>ª</sup>. Silvia Carla Conceição

---

Ms. Aline Pin

---

Prof<sup>ª</sup>.Dr<sup>ª</sup>. Renata Orlandi

À Glória e Édio, pelo incansável apoio de pai e mãe.

A Letícia, minha afilhada, que na doçura do seu meio ano de vida, também se comunica por gestos, nem sempre compreendidos.

Ao Evair, que desde criança me ensinou que as mãos e os olhos podem expressar tanto quanto palavras oralizadas podem dizer.

## AGRADECIMENTOS

Para não correr o risco de cometer alguma injustiça, agradeço de antemão a todos e todas que de alguma forma passaram pela minha vida e contribuíram com a minha formação pessoal.

E agradeço, particularmente, a algumas pessoas pela contribuição direta na construção deste trabalho:

À todos os professores da Universidade Federal da Fronteira Sul que permitiram a ampliação do meu conhecimento nas mais distintas áreas.

À todas as minhas colegas de trabalho que, mesmo fora do meio acadêmico, mostraram-se intensamente preocupadas e sempre dispostas a ouvir minhas queixas e minhas alegrias sobre essa pesquisa.

À Antônia e Marcos que nunca se opuseram aos meus pedidos e me apoiaram intensamente na dedicação aos estudos.

À Jéssica, Gleisy, Jacqueline, Jalande, Tatiana e Charline que mesmo quando as lágrimas, o desespero e o mau humor me acompanharam se fizeram presentes, amáveis, bem como facultaram momentos de pura alegria e descontração.

A Maiara por ter acompanhado esse processo e me cedido seu abraço em inúmeras situações, não dividimos apenas a casa mas a vida.

Ao Will, pela ajuda com as crases.

Ao Diogenes pelos momentos de tolerância, incentivo e carinho, bem como toda a sua família que mostrou-se estar ao meu lado em cada etapa percorrida.

À professora Izabel que sempre me foi inspiração e que chegou nesse trabalho de paraquedas mas abraçou a causa e partilhou comigo momentos de reflexão e apoio.

À Vera Dias, que mesmo em tempos que as pessoas nem mesmo compartilham um sorriso, dedicou seu tempo para compartilhar saberes com alguém que desconhece.

À Aline, intérprete que foi essencial nesse trabalho, obrigada pelo carinho e dedicação.

À minha família pelo amor incondicional. Mãe, sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinha nessa caminhada, obrigada pelas orações, pelos telefonemas, mesmo àqueles em que fazia silêncio para permitir que eu chorasse o suficiente para conseguir enfim dialogar. Meu amado pai, certamente devo muito a você, como nem sei por onde começar a te agradecer, digo obrigada a Deus por tê-lo colocado em minha vida.

À professora Renata, que construiu esse sonho comigo e que subverteu todos os impedimentos causados pela distância para orientar-me, pelos incentivos e “puxões de orelhas” necessários, que muito serviram para reencontrar meu caminho nesta trajetória cheia de importunos. Por ter

confiado em mim e contribuído tanto para o meu desenvolvimento intelectual quanto pessoal. Levo você, ou ao menos seu exemplo, a vida toda comigo.

Aos surdos participantes desse estudo, sem eles este trabalho não se concretizaria. "Os que ouvem têm tudo a aprender com aqueles que falam com o corpo. A riqueza da sua língua gestual é um dos tesouros da humanidade."

“O meu silêncio não é igual ao vosso. O meu silêncio seria ter os olhos fechados, as mãos paralisadas, o corpo insensível, a pele inerte. Um silêncio do corpo” (LABORIT, 2000, p.144).

## **RESUMO**

A sexualidade é pensada, no contexto deste estudo, de maneira processual e complexa, estando atravessada por uma série de tabus marcadamente presentes na cultura ocidental. No cenário da deficiência, o imaginário social atrelado à sexualidade mostra-se polarizado estando associado a duas grandes dimensões: a da falta e a do excesso. Esta pesquisa-ação teve como objetivo investigar o processo de educação sexual vivenciado por jovens surdos, sobretudo no que tange à participação da família e da escola na promoção dos direitos sexuais e reprodutivos. Participaram do estudo dois jovens, um homem e uma mulher, entre 18 e 25 anos, moradores de cidades do interior do Paraná. Foram tomadas todas as medidas éticas aplicáveis à execução da investigação científica. A metodologia consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com os investigados, analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin. Na sequência, realizou-se uma intervenção com o intuito de promover educação sexual aos participantes do estudo. Os dados coletados foram analisados e expressaram duas dimensões a saber: vivência da sexualidade e educação sexual. Os participantes demonstraram os consequentes causados pela comunicação, pelo acesso à informação e pela relação dos referenciais sociais, representados pela família, escola e cultura em suas manifestações sexuais. Enfatiza-se a necessidade de estudos e criação de políticas educacionais que se dirijam de forma significativa a atender a educação sexual desses jovens, numa perspectiva de positividade da sexualidade.

Palavras-chave: Surdez. Sexualidade. Deficiência. Juventude. Escola



## **ABSTRACT**

The sexuality is problematized, in the context of this study, in a procedural and complex way, being traversed by a series of taboos markedly present in western culture. In the scenario of the disability, the social imaginary tied to sexuality is polarized and associated with two major dimensions: the first, of the excess and second, the lack. This research-action aimed to investigate the process of sexual education experienced by young deaf, especially with regard to the participation of the family and the school in promoting sexual and reproductive rights. Participated in this study two young people, a man and a woman, between 18 and 25 years, residents of Paraná's inner cities. All measures for the implementation of ethical scientific research have been taken. The methodology consisted of the realization of interviews semistructured with the investigated ones, analysed through the technique of analysis of content of Bardin. In the sequence, an intervention happened with the intention of promoting sexual education to the participants of the study. The collected data were analysed and were systematized with educational ends in two dimensions knowing: existence of the sexuality and sexual education. In the first dimension it passively realized that the participants of the study it has an existence of the sexuality ruled in prescriptive and culturally you throw restrictions. The communication also presented itself one of the mechanisms of great influence in the sex life of these subjects. Regarding sexual education, the young deaf persons dispose of social referential systems represented by the family, school and culture in the senses construction on sexuality. The preventive behavior and the level of information of these young persons doctor / biologist of the sexuality showed limited to the education. There is emphasized the necessity of studies and creation of education policies that address in the significant form to attend the sexual education of these young persons, in a perspective of positivity of the sexuality.

**Keywords:** Deafness. Sexuality. Disability. Youth. School

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1-Cópia da publicação de um dos sujeitos da pesquisa, após o convite a participar da mesma.....	18
Quadro 1- Categorização dos dados analisados.....	20

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 MATERIAIS E MÉTODOS .....</b>	<b>16</b>
<b>3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>18</b>
Dimensão 1- Vivência da sexualidade.....	20
Dimensão 2: Educação sexual .....	27
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>41</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Surdos tem vida sexual? E os jovens surdos? Seriam bestas insaciáveis ou sujeitos desprovidos de desejo? Deficiência, sexo e juventude, não raro, são pensados no campo do patológico (VYGOTSKY, 1984; FOUCAULT, 1997; GLAT, 1992; SKLIAR, 2001; CURSINO et al., 2006; LEBEDEFF, 1993-2010), sendo assim, como promover educação sexual a quem já sofre o silenciamento de tantos outros direitos?

O campo dos direitos sexuais e reprodutivos passou a ser sistematizado com maior profundidade a partir da década de 80 e é ancorado no reconhecimento da livre decisão de cada sujeito sobre a sua sexualidade e reprodução (ORLANDI; TONELI, 2008). Como definição apresentada no relatório da IV Conferência Mundial Sobre a Mulher:

A saúde reprodutiva é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença ou enfermidade, em todas as questões relacionadas com o sistema reprodutivo e suas funções e processos. Portanto, a saúde reprodutiva implica que as pessoas são capazes de ter uma vida sexual satisfatória e segura e que eles têm a capacidade de reproduzir e a liberdade de decidir se, quando e quantas vezes a fazê-lo (NACIONES UNIDAS, 1995, p. 37).

A reflexão principal no que se refere aos direitos sexuais implica na aceitação das distintas formas de expressar a sexualidade e da livre e autônoma decisão sobre o uso do corpo (ÁVILA, 2003). Concomitante a isso Corrêa, Jannuzzi e Alves (2006) destacam a afirmação da sexualidade como constitutiva das relações amorosas e dos laços afetivos entre as pessoas.

Ainda que os direitos sexuais e reprodutivos estejam formalizados nas declarações de Direitos Humanos e na Organização das Nações Unidas (1995), é perceptível a necessidade de afirmação da universalidade dos mesmos, na medida em que muitos grupos populacionais têm seus direitos violados. Vale notar que a sexualidade é uma importante dimensão da vida, abrangendo aspectos biológicos, psíquicos, sociais, culturais e históricos (TONELI, 2012). Entendida como inerente à vida humana, a sexualidade é abordada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como uma construção social que é “marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então como singularidade em cada sujeito” (BRASIL, 1999, p.81).

Tendo em vista a plasticidade do conceito de sexualidade passa-se a enfatizar a relação desta com a escola e juventude, levando em conta que o enfoque educativo é um dos elementos fundamentais na qualidade da atenção prestada em saúde sexual e saúde reprodutiva. Se a sexualidade é intrínseca à vida humana, tão importante quanto a sua presença é a sua efetivação

com saúde. Assim, abordar a temática saúde sexual e saúde reprodutiva, na perspectiva educacional significa ofertar oportunidades aos sujeitos de expressarem suas ideias sobre o amor, a amizade, a família, o namoro, o ato sexual, gravidez, doenças sexualmente transmissíveis e a própria juventude.

Por isso é importante que os educadores reconheçam a sexualidade como parte constitutiva do processo de desenvolvimento da criança e do adolescente e, portanto, repleta de valores e normas que advém do contexto cultural, social e psíquico da mesma (LOURO, 1999). Concomitante a isso as concepções trazidas por livros, mídia e rede social fazem parte da trajetória sexual do sujeito, sendo a atuação da escola fundamental para a democratização desse patrimônio cultural, promovendo a criticidade e a reflexividade frente a tantas fontes (BRASIL, 1999).

A promoção da educação sexual sempre esteve cercada de dificuldades e desafios, tal como sinalizado pelos Parâmetros Curriculares (BRASIL, 1999). Ainda segundo tal documento, a sua implementação no currículo sofreu resistências pelas famílias dos estudantes, assim como por parte de um grupo expressivo de docentes, os quais transferem a tarefa exclusivamente para a família.

Para Reis e Maia (2012) a educação em sexualidade tem como ponto crucial a ação conjunta entre escola e família. Também nos lembra que é necessário o reconhecimento por parte da escola da própria “educação sexual” ofertada pela família.

É a bagagem da educação informal, adquirida na família e na comunidade, o ponto de partida para se pensar em Educação Sexual na escola. Os programas educacionais sobre sexo nunca vão poder ignorar, repudiar, ou mesmo antagonizar as influências primeiras na construção da sexualidade (GUIMARÃES, 1995, p.99 apud REIS; MAIA, 2012, p. 190).

Nesse cenário, faz sentido refletirmos sobre a sexualidade como construção social e histórica que implica de alguma forma, certo tipo de conexão com as relações de poder. “Ela é uma invenção social uma vez que se constitui historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram prazeres, que produzem ‘verdades’”, assim destacado por Louro (1999, p.3).

Nos dizeres de Foucault (1997), sexualidade é a nomeação da rede histórica e não da realidade, historicidade que segundo estratégias de saber e poder “determinam a estimulação de corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, à formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências” (p.100). Por meio da disciplinização aprendemos a vergonha e a culpa e remetemos o prazer ao privado de modo a esquecer, por censura e controle,

a dimensão social e política da sexualidade (LOURO, 1999). As coisas se complicam ainda mais para aqueles e aquelas que se percebem com interesses, desejos e características que fogem a “norma” postulada. Para estes restam poucas alternativas marcadas pelo silêncio e segregação como enfatizado por Tonelli (2012).

Ligada ao positivismo, em algumas instâncias, a ciência moderna desenvolveu conjecturas sobre os conceitos de normalidade e deficiência. Entendendo, nesse sentido, normalidade como as condições da cultura que normatizam a vida social da maioria (MARTINS, 2005). Normas que regem a vida social, modos de falar, de vestir-se, de atuar no mundo, de pensar, normas que autorizam essa segregação e criam as “anormalidades” (SANTANA; BERGAMO, 2005).

Dentro desses discursos de normalização, a identidade surda tem sido reconhecida numa visão menos patológica que as demais deficiências, mas ainda assim é encarada e caracterizada numa disparidade ímpar no que diz respeito à organização e direitos sociais (GESSER, p. 46). Na maioria dos casos, as crianças surdas advêm de lares onde os outros sujeitos são ouvintes, assim a linguagem da criança surda é totalmente distinta da de seus familiares (LEBEDEFF, 2010, p. 4). A história dos surdos já foi caracterizada pela negação e proibição da utilização da língua de sinais na educação, no trabalho e na vida social e consequentemente sexual, assim foram impossibilitados, e ainda o são por muitas vezes, de exercerem seus direitos como cidadãos (BASSO apud SANTANA; BERGAMO, 2005), cidadãos sexuados. “Com isso, os próprios surdos parecem estabelecer uma segregação com os ouvintes. Sentindo-se pressionados a falar, cobrados a ter de falar e escrever para conseguirem estudar e arranjar um bom emprego” (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 576).

Assim, os surdos tiveram sua construção de identidade desprendida das relações sociais e culturais e somente relacionada à limitação biológica (GESSER, 2009).

A deficiência é uma marca que historicamente não tem pertencido aos surdos. E assim, o povo surdo tem sido encarado de uma perspectiva exclusivamente fisiológica (déficit de audição), dentro de um discurso de normalização e de medicalização, cujas nomeações, como todas as outras imprimem valores e convenções na forma como o outro é significado e representado (GESSER, 2009, p.46).

Na esteira daquilo que é percebido como fora das “normalizações” sociais, está situada a sexualidade, os direitos reprodutivos e por consequência a educação sexual de surdos (GLAT, 1992; SKLIAR, 2001; DADOORIAN, 2005; CURSINO et al., 2006; LEBEDEFF, 2010). Portanto, os jovens surdos são silenciados não só na esfera política, social, mas também no campo sexual (BISOL, 2008). Lebedeff (2010) afirma que os surdos enfrentam problemas de

acesso a informações sobre a sexualidade, não porque a surdez seja um impedimento ao conhecimento, mas porque a sociedade limita-os de disponibilidades, condições e espaços para a educação sexual.

Glat (1992) e Dadoorian (2005), por sua vez, ao tratarem do imaginário social referente à sexualidade das pessoas com deficiências, mencionam uma forte dubiedade: de um lado a eterna criança assexuada, do outro a pessoa selvagem e hipersexuada, “em uma representação que associa num mesmo conjunto as dimensões da falta e do excesso, presentes em cada um de nós e projetadas defensivamente nos outros” (DADOORIAN, 2005, p. 15).

Nessa linha de pensamento, é importante pensar como acontece essa sexualização quando “o corpo é vigiado, espionado, controlado e administrado como o corpo-órgão deformado e doente que é incapaz de experimentar relações no cotidiano (MORREIRA 1998, p.102 apud CURSINO et al., 2006, p. 35), levando em conta que a juventude é o momento de experimentação e da descoberta sexual, organizada segundo possibilidades afetivas (RIBEIRO, 2011).

Nesse ponto, se faz necessária uma abordagem teórica sobre a definição de juventude, tendo em vista que este estudo dirige-se à compreensão da sexualidade dessa construção social. Para Pais (1990) a juventude é uma idealização social construída por determinada sociedade a partir das suas concepções sobre esses sujeitos, isto unido a questões estereotipadas e históricas. Assim, a juventude constitui um conjunto heterogêneo incutido de distintas oportunidades, estilos de vida, dificuldades e poderio social.

Vieira (2009) problematiza a instabilidade da noção de juventude como grupo social, demarcando o fim e o início de uma nova fase no que tange à sexualidade, ao trabalho, à vida cívica, configurando-se como um período de mutação e adaptação:

[...] uma categoria instável pelas conjunturas externas, vivendo numa sociedade que atravessa constantes transformações e pelo outro lado eles próprios atravessam uma fase de instabilidade psicológica decorrente do desenvolvimento da adolescência. As mudanças biológicas e psíquicas típicas nos jovens nessa fase etária assinalam o fim e o início de novas etapas de desenvolvimento[...] As duas razões expostas explicam a combinação de uma instabilidade emocional com uma instabilidade adaptativa(VIEIRA, 2009, p.16).

No que respeita ao território, a abordagem deste trabalho ilustra-se no meio da interioridade. Associada à setores produtivos, à organização de territórios e à concentração populacional a determinação do que é interior e urbano, está carregada de processos de exclusão. Onde o interior, é sempre demarcado no sentido de atraso (DOMINGUES, 1997). Em oposição

a isso, o autor, refere-se também a interiorização como campo de fatores relacionados à qualidade de vida.

Com o objetivo de investigar o processo de educação sexual vivenciado por jovens surdos moradores de cidades do interior do Paraná, justifica-se este estudo, tendo em vista que a tentativa de investigação sobre questões sexuais já seria por si só complexo e problemático, diante dos tabus sociais em que se associa. Se então somar-se o fato de serem jovens surdos do interior, interiorização aqui no sentido de estarem retirados dos grandes centros urbanos, nos colocamos em uma posição de ato implexo e totalmente necessário de inquietação, onde é preciso “ouvir” o que as mãos nos querem falar.



## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Destacado os objetivos e referencias que abarcam essa pesquisa, cabe mencionar os procedimentos metodológicos que a produziram. É válido, aqui, destacar que o método “é a atividade reorganizadora necessária à teoria (MORIN, 2005, p. 339)”.

O presente trabalho configura-se como pesquisa-ação de natureza qualitativa. A pesquisa-ação é um processo de reflexão crítica sobre algum aspecto da realidade com a finalidade de ação-prática (TRIPP, 2005). Para tanto, a produção do conhecimento é pensada em uma lógica intersubjetiva, considerando-se o objeto investigado, os desdobramentos da investigação e o investigador como partes de um todo dinâmico e inter-relacionado; portanto, é válido destacar que este último não é neutro em sua relação com o fenômeno observado, o que não descarta o rigor metodológico da pesquisa, ao contrário, posto que “uma pesquisa que envolve o sujeito ou os sujeitos, incluindo aí o próprio pesquisador, e os mobiliza (AMATUZZI, 2006, p. 96)”.

Para atender as considerações bioéticas do estudo, o projeto só foi aplicado mediante aprovação do comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Quanto à abordagem dos participantes, foi feito um contato inicial para demonstrar o objetivo da pesquisa como enriquecedora do conhecimento científico e a realização da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do termo de consentimento do uso de imagem e vídeo (em anexo). O contato inicial, as entrevistas e a oficina ocorreram nas escolas de cidades do interior do Paraná em que funciona a Sala de Recursos para a área da surdez (ou Centro de atendimento a Surdos (CAS)) ofertada pelo núcleo de Francisco Beltrão. A pesquisadora conhecia os sujeitos, das escolas de ensino regular onde estagiara, mas não mantinha contato aproximado com os mesmos até a pesquisa.

Inicialmente a pesquisa envolveria 10 sujeitos de duas cidades do interior do Paraná, devido ao levantamento dos jovens surdos ter sido no ano anterior, no momento da pesquisa muitos surdos já não frequentavam o CAS, mesmo a maioria continuando vinculada ao programa, devido à trabalho, à terem se formado no ensino médio e a outras questões pessoais não participam ativamente das atividades do mesmo e recebem assistência em suas casas. Ou mesmo não atendiam aos critérios para participação da pesquisa, como a maioridade ou o domínio da LIBRAS. Em consequência das dificuldades relatadas e tendo em vista que essa pesquisa é de cunho qualitativo e não quantitativo, dois sujeitos surdos foram assistidos, um do sexo masculino, de 20 e uma mulher de 19 anos, nomeados a partir daqui de Luciano e Leona respectivamente, nomes fictícios que os próprios surdos escolheram durante a pesquisa.

Leona, 19 anos, é solteira, mora com os pais, cursa o ensino superior, graduanda de pedagogia, extremamente delicada e cuidadosa. Apesar de ter revelado na oficina que ficou com uma vergonha inicial em falar sobre sexualidade, respondeu à todas as perguntas e demonstrou ter seus valores morais calcados na religião e na família. Luciano, jovem de 20 anos, também graduando de pedagogia, extremamente comunicativo. Apontou que não se preocupou com a entrevista e também revelou valores pautados na família e doutrina religiosa. Os dois são fluentes em LIBRAS e filhos de pais ouvintes. Em todos os encontros, houve a participação da intérprete de LIBRAS da Universidade à que essa pesquisa se vincula, uma vez que a fluência da pesquisadora nessa língua não lhe garantia a manutenção segura do fluxo do diálogo. Os sujeitos expressaram-se sempre em língua de sinais.

A etapa da coleta e investigação dos dados se deu em forma de entrevista semiestruturada (em anexo), com duração de aproximadamente 40 minutos, por meio da qual se coletou dados referentes à participação da escola e da família na trajetória sexual e nas relações afetivas dos sujeitos da pesquisa e o nível de informação, bem como o comportamento preventivo. Toda a etapa da entrevista foi feita de forma individual.

Os registros foram feitos por meio de videogravação e transcritos integralmente. A transcrição refere-se aos enunciados falados tanto da pesquisadora, quanto da intérprete. Foram tomados os devidos cuidados para que a tradução da intérprete estivesse correspondente aos dizeres dos surdos.

Destarte, realizou-se uma intervenção com duração de quatro horas em forma de oficina, com o intuito de promover educação sexual para os jovens surdos participantes do estudo, numa perspectiva de “recriar a presença viva da realidade questionadora de onde partiu” (AMATUZZI, 2006, p. 96). Para coleta de dados dessa fase da pesquisa e posterior análise foi feito uso de fotografias e relatos durante a oficina.

No que se refere às análises, foi feita uma codificação geral das transcrições e dos relatos da oficina, por meio de inúmeras leituras do material coletado, reorganizando os dados em temas gerais que emergiram para categorias mais específicas, segundo a abordagem analítica de conteúdo de Bardin (1977). Levando em consideração que “pesquisar a subjetividade enquanto tal não é simplesmente produzir conhecimentos sobre ela, mas aproximar-se experiencialmente dela para só depois produzir um discurso expressivo (AMATUZZI, 2006, p. 95).

### 3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este trabalho é uma tentativa de subverter a lógica excludente imposta por uma sociedade que tem ratificado o padrão de normalidade, o qual, certamente, não contempla os sujeitos surdos. Nesta perspectiva que esta pesquisa se desenvolveu, ao problematizar o surdo como parte de um grupo populacional minoritário, situando-o histórica, cultural e geograficamente, no contexto de cidades pequenas situadas na zona rural do Paraná.

Mesmo míope diante dessa língua que transborda em sinais, sentimentos, sonhos, ideais e dificuldades, a pesquisadora e autora desse trabalho, tomou emprestados os gestos, os sinais e toda a forma de manifestação que pôde captar dos jovens entrevistados para dar visibilidade aos silêncios e aos silenciamentos, mas também aos risos e aos suspiros, aos recuos, avanços e desafios que jovens surdos de pequenas cidades do interior tem vivenciado para delinear e experimentar um projeto de vida que contemple em sua inteireza a dimensão sexual.

Os entrevistados demonstraram interesse em participar da pesquisa e alguns até entusiasmo. Num primeiro contato, como destacado no método do presente trabalho, estes sujeitos foram esclarecidos com relação ao projeto de pesquisa e seus desdobramentos éticos e políticos. O documento abaixo, o qual foi publicado pela jovem entrevistada em uma rede social virtual, ilustra o entusiasmo da mesma em colaborar com o presente estudo (figura 1).

FIGURA 1- Cópia da publicação de um dos sujeitos da pesquisa, após o convite a participar da mesma



O processo de constituição de sujeitos surdos é marcado pelo enfrentamento de estigmas, estereótipos, preconceitos e, principalmente, do silenciamento. A imagem acima, portanto, retrata o gozo da sensação de pertencimento à essa sociedade excludente e/ou de

oportunidade de afirmação de seus referenciais identitários cedendo uma entrevista à "uma pessoa da UFFS". Como afirma Figueiredo (2009):

Dentro dessa sociedade de ouvintes, eles constituíram uma comunidade própria, com sua cultura, sua língua e tentam se estabelecer como grupo minoritário para poder serem aceitos numa visão multicultural, ou seja, um lugar de direitos coletivos para a determinação própria do grupo (FIGUEIREDO, 2009, p.23).

Com relação à publicação da jovem, ainda merece destaque o fato de que os surdos, assim como muitos outros grupos marginalizados, não tem sido foco da pesquisa universitária. Bento e Bueno (2005) descrevem que os grupos sociais que se localizam na base do poderio social ou que não atendem às demandas de “normalidade” impostas culturalmente estão esquecidos ou indevidamente contemplados por pesquisas científicas. Sendo assim, a maioria desses grupos estigmatizados não tem lugar os "problemas" dos cientistas, não havendo, consequentemente nas agendas de pesquisas soluções plausíveis para seus dilemas. Portanto, devido a presença de pressões/interesses governamentais e do setor privado que contemplam apenas ações assistencialistas, negligenciando práticas educativas e ações eticamente voltadas a transformação das mazelas impostas pelas contingências e injustiças sociais.

Quando lhes foi apresentada a pesquisa, os jovens surdos demonstraram reconhecer a importância desta, e ao serem apresentados ao termo de esclarecimento livre e consentido, mostraram sentir-se mais à vontade para falar do tema. Durante a entrevista, a intérprete relembrou-os que seus nomes seriam ocultados e a entrevistada demonstrou ter compreendido: *“eu sei, nome é confidencial”* expressando-se em libras. Nesse contexto, é válido destacar que, tendo em vista a força do tabu e dos preconceitos nos quais o fenômeno da sexualidade está envolto, tomou-se uma série de cuidados visando a preservação do anonimato dos entrevistados, omitindo-se qualquer dado que pudesse identificar esses jovens.

O método de análise dos resultados obtidos nessa pesquisa, já explicitado neste documento, caracterizou os elementos coletados em duas dimensões (vivência da sexualidade/Educação sexual). Em uma proposta didática tais dimensões foram alocadas em um quadro que expressa as dimensões, categorias e subcategorias propostas a partir da análise do material coletado.

Quadro 1- Categorização dos dados analisados

<b>Dimensões</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
<b>Vivência da sexualidade</b>	1a) Sentidos atribuídos à sexualidade	1a1) Sentimentos, desejo e prazer na esfera da sexualidade
		1a2) Relações de gênero e sexualidade
	1b) Trajetória sexual dos jovens surdos	1b1) A comunicação nas relações afetivo/sexuais dos jovens surdos
		1b2) Projeto e experiências amorosas/sexuais;
<b>Educação sexual</b>	2a) Referenciais sociais de educação sexual	2a1) Referências familiares
		2a2) Referências culturais
		2a3) Referências escolares
	2b) Promoção da saúde sexual	2b1) Nível de informação
		2b2) Comportamento preventivo

Como se pode ver no quadro acima, a dimensão “Vivência da sexualidade” trata dos sentidos atribuídos à sexualidade e a trajetória sexual dos entrevistados. A segunda dimensão de análise, por sua vez, versa sobre os referenciais sociais no processo de educação sexual e a promoção da saúde no campo da sexualidade.

### **Dimensão 1- Vivência da sexualidade**

Nessa dimensão serão abordadas com maior profundidade a vivência da sexualidade entre os jovens surdos entrevistados. Tal dimensão de análise será problematizada a partir de duas categorias de análise a saber: sentidos atribuídos à sexualidade e trajetória sexual/afetiva dos jovens surdos.

#### **Categoria 1a- Sentidos atribuídos à sexualidade**

Em oposição à qualquer enunciado de normalização que trata os indivíduos surdos como seres assexuados, os sujeitos da pesquisa demonstraram explícita ou implicitamente manifestações de suas sexualidades. Assim, nessa categoria delinea-se processos de significação e vivência da sexualidade entre esses jovens surdos, tendo em vista a esfera do

prazer, das relações de gênero, dos sentimentos e das construções ideológicas em torno das identidades sociais.

No campo dos sentimentos, os entrevistados apresentaram em suas narrativas afirmações que compõem o que Bonfim define como “a necessidade que todo ser humano tem de buscar sensações, bem-estar, prazer, afeto, contato e carinho” (BONFIN, 2012, p.28). Como declara Luciano quando questionado sobre o campo dos prazeres: *“A questão de sentir prazer, amor, respeitar o namorado, porque por exemplo, a pessoa quer emoção, amor, encontrar a pessoa, isso é gostoso, isso é bom pro surdo”* (Luciano).

A sexualidade é produto de relações sociais, políticas, éticas, estéticas, psicológicas e biológicas, podendo se manifestar de diferentes maneiras por meio de estímulos, fantasias, amizade, carinho, sexo (aqui enquanto ato sexual e contato físico). No que tange às suas relações afetivas, Leona destacou: *“[...] experiência de conversar, de ficar, de namorar[...] tem educação, ter contato!”*.

A literatura especializada (CHAUI, 1991; FOUCAULT, 1997; NUNES E SILVA, 2000; BONFIN, 2012) aborda a sexualidade enfatizando a sua complexidade, destacando que esta não é apenas aquilo que se faz com o (corpo do) outro, mas que inclui seus gostos, sua subjetividade, sua corporeidade, sua maneira de vestir-se, comunicar-se... Todos esses desdobramentos estão estreitamente ligados à construção social, portanto são dinâmicos, distintas e cada sujeito o expressa maneiras singulares e distintas ao longo do seu processo de subjetivação. Em uma atividade da oficina realizada com os participantes do estudo, os entrevistados foram incentivados a escreverem palavras que estavam relacionadas à sexualidade, expressões como *“desejo”, “sentir”, “querer”, “vontade”, “conversar”* e *“coragem”* foram destacadas pelos mesmos.

A cada encontro ampliou-se o vínculo entre “pesquisadora”, “tradutora” e “pesquisados”. Os gestos foram ganhando outros contornos e a inibição deu lugar à expressão de desejos, sentimentos e estratégias para lidar com a vivência da sexualidade. Apesar de demonstrar que foi alvo de um processo de educação sexual voltado estritamente para o ato sexual, Leona destaca em diversos momentos a importância que dá ao conhecimento do próprio corpo e aos cuidados com o mesmo, bem como, explicita seus desejos enquanto parte da cultura surda *“[...] pessoa surda ou ouvinte por exemplo, a questão própria do amor, [...] a pessoa surda tem amor normal!”*. Tal declaração comovente parece um apelo e um alerta aos que silenciam a sexualidade desses jovens, fazendo pensar que a audição é condição *sinequa non* para o desejo.

Se tratando do campo do prazer, ao longo das entrevistas verificou-se como os sentidos atribuídos por esses jovens ao ato sexual englobam o gozo, o desejo e negociações:

*Sexualidade como? Por exemplo, o sexo tem diferentes coisas, a conversa, exemplo só ouvintes também como vai fazer a regra do sexo, eles não entendem as vezes, não tem um papel que explica se a pessoa não quer, não quer, se o ouvinte não quer eu acabo respeitando (Luciano).*

*O homem tem a questão do prazer, da sexualidade e já a mulher não quer é diferente a questão do homem da mulher, na mulher, tem que ter a experiência, conversar, tem que ter contato, a questão do tesão da pessoa, na mulher é diferente! Entende? (Leona).*

Durante a oficina, buscou-se promover uma ampliação da significação de sexualidade, parecendo gerar dúvidas e confusões. Os jovens demonstravam estranhamento ao se problematizar que a sexualidade constitui o sujeito, que é intrínseca a ele e que transcende o ato sexual. Em uma atividade que consistia no recorte de figuras que expressassem a sexualidade tendo em vista os mecanismos do desejo, da excitação e do prazer para os diferentes sexos, visava-se a ampliação da noção de ato sexual para além do coito, englobando também outras formas de contato, intimidade e prazer seja com o outro ou consigo mesmo. Leona hesitou em recortar uma figura apontada pela pesquisadora. A figura tinha a representação de duas crianças estabelecendo um vínculo de amizade. Quando a pesquisadora questiona se há representação sexual na figura, ela imediatamente nega e lembra que “criança não pode fazer sexo, é feio! [...] Tem que ter idade”. Já Luciano não fez questionamentos e suas figuras trataram-se exclusivamente de imagens de ato sexual. Tais observações destacam a necessidade de uma problematização da sexualidade que vá além do reducionismo biológico. Nesse sentido, Chauí nos ajuda a ampliar nossa perspectiva sobre a sexualidade:

*Não se confunde com um instinto, nem com um objeto (parceiro). Ela é polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e tem a ver com a simbolização do desejo. Não se reduz aos órgãos genitais (...) porque qualquer região do corpo é susceptível de prazer sexual, desde que tenha sido investida de erotismo na vida de alguém, e porque a satisfação sexual pode ser alcançada sem a união genital (1985, p.15 apud BONFIM, 2009, p.26)*

Essa redução biológica da vivência sexual “[...] impede qualquer compreensão genuína do alcance e das possibilidades da sexualidade humana” (BRITZMAN, 2013, p. 86). Entendendo que a sexualidade é uma dimensão ampla e central na vida de qualquer sujeito (BISOL, 2008), a subcategoria 1a1 problematiza manifestações e demonstrações de como a vivência sexual se instaura e se revela nesses sujeitos, na esfera dos sentimentos, prazer, desejos e da própria significação atribuída à sexualidade. Uma vivência pautada em normativas e construções sociais que também são determinantes na percepção sexual desses jovens no que

diz respeito à compreensão e sentidos que estabelecem para o lugar e as relações naturalizadas femininas ou masculinas.

Em um trabalho que tem como tema central a sexualidade é necessário que se faça uma problematização da tríade sexo-gênero-sexualidade. Para Butler (2003), os processos que engendram os gêneros e as assimetrias nas relações de poder que se estabelecem entre eles, estão também presentes os determinantes heterormativos.

Ao ser questionado sobre algum tipo de interdição pautada por relações de gênero, Luciano afirmou: “[...] *é tudo livre, tanto para homens quanto para mulheres*”. Leona também apontou que não há nada proibido e que ambos podem fazer as mesmas coisas e ainda ressaltou que “*o homem e a mulher são iguais, é uma troca!*”. Igualdade prescrita e que se opôs à muitas descrições relatadas ainda na própria entrevista e durante a oficina, caracterizando conceitos e construções sociais pautadas na hierarquização de gêneros.

O conceito de gênero remete às significações e prescrições sociais, históricas, culturais e políticas pautadas nas diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 1995). Portanto, no contexto desse trabalho, numa perspectiva que não leva em conta apenas o homem e a mulher, mas as distintas e dinâmicas masculinidades e feminilidades, conforme descrito por Louro (2008):

Ainda que teóricas e intelectuais disputem quanto aos modos de compreender e atribuir sentido a esses processos, elas e eles costumam concordar que não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente (LOURO, p.18).

Assim, na perspectiva de compreensão dos sentidos que os jovens surdos atribuem à sexualidade por meio das relações afetivas e da presença das relações de gênero, denota-se uma significação de sexualidade reduzida ao biológico. Esse reducionismo biológico da vivência sexual “[...] impede qualquer compreensão genuína do alcance e das possibilidades da sexualidade humana” (BRITZMAN, 2007, p. 86). Em meio aos sentidos atribuídos à sexualidade, torna-se importante entender como se constrói a trajetória sexual/afetiva desses sujeitos e em que dimensões elas estão construídas e projetadas.

#### **Categoria 1b) Trajetória sexual/afetiva dos jovens surdos**

Na categoria anterior foi possível vislumbrar que os jovens surdos constroem relacionamentos afetivos, namoram, ficam e constroem amizades. Nessa categoria se expõe como as formas de exploração e experimentação da sexualidade, tão essenciais para o desenvolvimento erótico-afetivo de qualquer pessoa, são tolhidos no surdo, face aos limitantes que a comunicação impõe aos seus projetos afetivo/sexuais. Além, a categoria também abarca



os projetos sexuais que esses jovens almejam para o futuro numa ordem que vai do matrimônio à maternidade/paternidade.

No que concerne às influências do campo comunicativo na sexualidade, quando perguntados sobre quais assuntos norteiam a conversa com os amigos sejam eles surdos ou ouvintes, os entrevistados revelam que temas variados fazem parte da comunicação cotidiana e que sexo é umas das temáticas. Em meio às lembranças sobre que temas motivam seus diálogos com amigos, Leona aponta que “[...]com o surdo tem comunicação é igual. Com o ouvinte é diferente o ouvinte não tem a questão da libras, é oralização mas nós não ouvimos, então o surdo escreve pedindo desculpas”. Caso fosse possível gesticular aqui nesse texto, a culpa que aqueles olhos e mãos sinalizavam por não conseguir a comunicação oral e auditiva com um ouvinte, lhes seria no mínimo estarrecedor. Dizeu e Caporali (2005, p. 584) dissertam sobre essa inferiorização de linguagens não orais.

Vivemos em uma sociedade na qual a língua oral é imperativa, e por conseqüência caberá a todos que fazem parte dela se adequarem aos seus meios de comunicação, independentemente de suas possibilidades. Qualquer outra forma de comunicação, como ocorre com a língua de sinais, é considerada inferior e impossível de ser comparada com as línguas orais.

A linguagem permite o ser humano expressar o que sente e pensa. Seja na forma verbal ou em outras formas, está caracterizada como transmissor de conceitos, sentimentos e extensor de conhecimento.

Estudos afirmam que as etapas de aquisição da língua de sinais são semelhantes às aquelas apresentadas por crianças ouvintes com a língua oral, pois estes adquirem de forma espontânea a língua oral, porque a informação chega pela via auditiva, já os surdos a informação chega pela via visual, o que torna seu aprendizado, também, espontâneo e natural “possibilitando o surdo inteirar-se plenamente no que se refere a comunicação humana e enriquecer-se sem restrição o seu mundo de conceitos e significados” (MEC, 2006, p.78). Assim essa jovem, de maneira alguma precisa se desculpar pelo ouvinte não estar entendendo a sua língua materna, nesse caso a LIBRAS, ou Língua Brasileira de Sinais que inclusive é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, de acordo com a Lei Federal Nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

Em outro momento da entrevista Luciano exprime com sensibilidade que a falta de amorosidade do ouvinte para com o surdo é resultante da ausência de relação deste com a comunidade surda:

*[...]pessoa surda ou ouvinte por exemplo, a questão própria do amor isso, a pessoa surda tem amor normal. Agora o ouvinte que não gosta de surdo, eu*

*respeito, faltou essa experiência pro ouvinte (grifo meu). É diferente, pode procurar outra pessoa sem problema.*

É bem verdade que o reconhecimento e o interesse pelo mundo dos surdos têm aumentado consideravelmente, resultante de lutas para acesso à informação, à saúde, à educação e ao mercado de trabalho, mas ainda há muitas “experiências” de respeito e condições democráticas faltantes na asseguuração desses direitos.

O outro já foi suficientemente massacrado. Ignorado. Silenciado. Assimilado. Industrializado. Globalizado. Cibernetizado. Protegido. Envolto. Excluído. Expulso. Incluído. Integrado. E novamente assassinado. Violentado. Obscurecido. Branqueado. Anormalizado. Excessivamente normalizado (BECHE, 2005, p.25 apud SKLIAR, 2003, p.29).

No que se refere à “necessidade de entrelace entre os dois mundos, aquele do barulho e o outro, do silêncio” (LABORIT, 2000, p. 35), é Luciano quem afirma:

*O contato com surdo é diferente, dois surdos quando estão juntos sabem se expressar melhor sobre sexo, a questão do sexo é igual, já ouvinte com surdo, os problemas, as conversas, é diferente, não há união. Duas pessoas surdas é melhor! Mais legal, a experiência de conversar, tem educação, ficar namorar, ter contato, já com ouvinte é diferente não há comunicação.*

Mais uma vez percebemos que a representação do surdo se dá no campo da patologia, da anormalidade, da deficiência, entre outras que irão acometer as suas relações sociais (LEBEDEFF, 2010), e como consequência dessa predominância oralista, o surdo acaba sendo excluído. E até quando esse mesmo oralismo sustenta falácias argumentativas sobre a importância da inclusão, na prática silencia o surdo pela falta de compreensão (DIZEU&CAPORALI, 2005).

Para além dos esforços e sacrifícios aos quais os sujeitos surdos são submetidos para fazer parte do mundo oralizado, Leona trata da gentilha nos processos comunicacionais traduzida pela iniciativa de determinados surdos em investir no ensino de libras aos ouvintes: “Com ouvintes a comunicação é diferente é oralizada ou escrita, o surdo acaba ensinando o ouvinte pra ter comunicação no futuro com ele”.

Para Bisol (2006), a liberdade para discutir temas relacionados à sexualidade entra em confronto com a dificuldade de fazê-la, visto que pais, profissionais da saúde e inclusive professores possuem pouco ou nenhum conhecimento em libras. Para a mesma autora, o ser sexualizado se constitui pautado na “autoestima, confiança, habilidade de se comunicar e de se relacionar com as outras pessoas, entendendo a sexualidade numa dimensão ampla e central na vida de qualquer sujeito” (p.44). Portanto, a partir das narrativas dos entrevistados é possível

inferir que dificuldades comunicativas atreladas ao desconhecimento da LIBRAS repercutem no bem-estar social e na vivência da sexualidade desses jovens.

No que diz respeito à trajetória afetivo/relacional dos entrevistados, os mesmos delinearão uma ordem cronológica de relacionamentos caracterizados pelo ficar, namorar e casar. Nesse sentido, Leona abordou suas experiências afetivas: “[...] *Primeiro conversamos, aí depois a gente ficou, aí depois aceitou namorar, aí eu pensei, como? (Expressão pensativa).*” Ribeiro (2011) também observou em sua pesquisa que a maioria das jovens surdas por ela entrevistadas obedecem padrões pré-estabelecidos em relação aos relacionamentos num sentido cronológico que vai do ficar, ao namoro e ao casamento.

Segundo Justo (2005), o “ficar” é um relacionamento episódico e ocasional que não implica compromissos futuros. Tem um sentido de exploração e experimentação de sentimentos, de parceiros e de situações. Embora seja prática recorrente tanto para meninos como para meninas, as meninas que ficam com “vários” parceiros, tendem a ser desvalorizadas, especialmente se o ficar inclui relações sexuais. Tais assimetrias nas relações de poder pautadas por questões de gênero serão aprofundadas mais a diante.

Já o namoro se refere a relacionamentos com compromisso e pressupõe exclusividade (BISOL, p.37), pontuação marcada em uma das falas de Luciano o qual buscava diferenciar uma relação de namoro e em um “rolo”: “*Como vou explicar? Por exemplo, no namoro há conversa, há troca, é uma forma mais sigilosa, estar sempre junto! Ir pro centro, dançar[...]*” (grifo meu).

Como destacado anteriormente, a curto prazo os projetos afetivo-sexuais dos adolescentes entrevistados é ficar e namorar. Todavia, a longo prazo, o casamento e a constituição de uma família constituem o projeto dos jovens surdos. Dados que vão ao encontro do estudo de Stengel, M. & Tozo (2010) com adolescentes que apresentam como projeto unânime o enlace matrimonial e posterior a paternidade/maternidade.

Os dois jovens que participaram da pesquisa vivenciam sua sexualidade com a expectativa do matrimônio, e posterior a construção de uma família, onde visualizam a paternidade: “*No futuro quero casar, ter filhos [...], dois filhos, dar conselhos e ensinar a libras*” (Luciano), e a maternidade: “*Só primeiro vou estudar, trabalhar aí depois futuro, só no futuro! Aí quero casar, depois de casar, já trabalhando, tenho vontade de ter filhos sim*” (Leona).

Do ponto de vista da contemporaneidade, essa hierarquização construída pelos jovens onde os estudos são colocados à priori das relações afetivo-sexuais se dá com base no que Heilborn (2004) aponta como a arquitetura do processo de individualização dos jovens

conseguida por meio da autonomia pessoal e da independência financeira. Dessa forma, a autora afirma que “Se a sexualidade pode ser apreendida como cenário privilegiado para o exercício gradual da autonomia juvenil, os constrangimentos familiares se fazem presentes na expectativa parental de engajamento dos filhos na construção de uma carreira profissional” (HEILBORN, 2004, p. 64).

Tomando como base que para a realização desses projetos que incluem o casamento e a parentalidade, normalmente se incluem a idealização do parceiro e da parceira, a pesquisadora tomou como questionamento se os projetos afetivo/sexuais envolviam a caracterização da surdez no companheiro/companheira. Luciano, que expõe a vontade de casar e ter filhos para ensinar libras, quando questionado sobre se prefere casar com surdo ou ouvinte responde em meio a risos: “*Tanto faz! Se o surdo aceitar. Se o ouvinte aceitar, tanto faz.*” Numa mudança ao que expõe Quadros, (1997) de que a necessidade linguística submete surdos a se casarem estritamente com outros surdos.

Quanto à iniciação sexual, os entrevistados não apontam um momento ou um marco, e apenas Leona menciona, quando questionada sobre seus relacionamentos, que não teve uma iniciação sexual mais íntima até o momento: “[...] *Eu ainda não- referindo-se ao ato sexual- Namorei já, só conversar, ter educação, se eu perceber na conversa que não é bom, que é safado, eu vou procurar outra pessoa*”.

Com relação ao momento idealizado para a primeira relação sexual, os dois jovens afirmam que isso depende da pessoa:

*Eu acho que depende, não tem um momento, porque, por exemplo, jovem tem que ter uma idade apropriada. Eu acho que a pessoa jovem não pode, tem que trabalhar, estudar pra depois pensar nesse tipo de coisa, mas isso é de cada pessoa e eu respeito é o ritmo de cada um! (LEONA).*

*Não! Não tem momento certo (Luciano).*

O estudo de Taquette & Vilhena (2008) apontou que a vivência sexual sempre esteve presente nas diversas esferas sociais, mas que atualmente a atividade sexual tem se tornado mais desinibida e que mesmo com maiores demandas de participação familiar e social em relação às questões sexuais, essas ainda ocorrem circunscritas a práticas moralistas e generalistas.

## **Dimensão 2: Educação sexual**

A experiência social, familiar, religiosa e escolar são fundamentais na construção e introjeção das noções de sexualidade e saúde sexual. São esses referenciais que apresentarão

repercussões no processo de constituição de cada sujeito, incidindo em todas as esferas do viver, inclusive a sexual.

### **Categoria 2a) Referenciais sociais de educação sexual**

A presente categoria engloba as referências sociais que constituem a educação sexual dos jovens surdos dessa pesquisa, dividida em subcategorias que discutem os referenciais familiares, religiosos e escolares que formam a rede de conhecimento e informações sobre sexualidade em seus aspectos de restrição, orientação, tabus e questões profiláticas.

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo (LOURO, 2008, p.18).

Os referenciais familiares mostraram-se de extrema significância no campo da educação sexual. Para os participantes do estudo, os pais e familiares são mediadores e participantes ativos no que concerne à vivência sexual desses sujeitos. Como contextualizado nas descrições a seguir:

*[...] mamãe fala comigo sobre sexo (Luciano).*

*A mãe me ensinou e a minha professora, me ensinaram que tem de usar camisinha, como usa [...] (Luciano).*

*Por exemplo, a minha mãe ensinou a questão do casar (Luciano).*

*A minha família eu não pergunto sobre sexo, é coisa deles da vida de casada e eu conheço meu corpo, minha mãe já me explicou, quando eu tinha idade, mas hoje eu não pergunto, agora eu já sei o que é importante!" (Leona).*

*[...] na família, a minha mãe tem a responsabilidade de perguntar, porque por exemplo é jovem idade, precisa estudar, ter responsabilidades (Leona).*

Percebe-se que o diálogo e as orientações das famílias destes jovens seguem padrões estabelecidos tal como exemplificado por Leona: “[...]minha mãe já me explicou, quando eu tinha idade [...]”. No que tange à participação da família no delineamento de sua trajetória sexual, Leona explicita que a abordagem do tema teve início apenas a partir da puberdade. Antes disso, na infância a família tende a negar a sexualidade de seus filhos, crianças são vistas como seres assexuados, quando na verdade esse período é que marca seu desenvolvimento sexual por meio de vestimentas, verbalizações, construções e desconstruções entre o que é socialmente considerado masculino e considerado feminino (SCHINDHELM, 2011). E são

nessas orientações, participações e prescrições que favorece ou prejudica o delineamento de vivências prazerosas e plenas no campo da sexualidade:

Portanto, se essa educação sexual, ainda que informal, for carregada de pudores, limitações, dogmas, tabus e visões negativas e reducionistas da sexualidade, isso nos impedirá de viver nossa sexualidade de maneira saudável, qualitativa e plena (BONFIM, 2012, p.53).

Nessa perspectiva é importante refletir sobre os temores e as normativas que esses valores instituídos em torno da vida sexual prescrevem. Leona aponta em diversos momentos da entrevista e da oficina, a palavra “safado” para designar uma característica que não a atrai no outro. “[...] *se perceber na conversa, que não é bom, que é safado eu vou procurar outra pessoa*” “[...] *Se tiver algum safado no grupinho eu me afasto, não gosto (expressão de desaprovação)*”. Durante a oficina, na atividade relacionada a escrever palavras que remetiam à sexualidade, novamente Leona escreve a palavra “safado” e ao ser questionada sobre a relação da palavra e à qual contexto ela estava inserida na sexualidade, a entrevistada lembra de recomendações da mãe para cuidados com os perigos de natureza sexual. Ribeiro (2008) descreve sobre essa visão restritiva e temerosa de mães de jovens surdas:

Para algumas mães, a condição da surdez pode apresentar-se como uma aspecto facilitador da violência sexual. [...] As jovens surdas, nesses casos são vistas, como indefesas que precisam de cuidados especiais, de tutela. São muito frequentes os conselhos e ensinamentos dados pelas mães e pelos pais sobre o perigo do estupro associado também à gravidez (p.112).

Em oposição à pesquisa de Ribeiro (2011) e concomitante à de Oliveira (2007), a educação e o trabalho são discursos dos pais desses jovens para seus projetos de vida: “[...] *na família, a minha mãe tem a responsabilidade de perguntar, porque por exemplo é jovem idade, precisa estudar, ter responsabilidades, no futuro casar, primeiro casar, aí pode!*” explica Leona quando questionada sobre os diálogos sobre sexualidade que mantêm com a família.

Louro (2008) pontua sobre as reiterações das normativas religiosas, médicas e familiares sobre a formação de nossa sexualidade, “dizem-nos o que preferir e o que recusar” (p.19), assim percebe-se sobre a fala de Leona quando questionada sobre se a mãe lhe proibiu algo em suas orientações sexuais: “*Não minha mãe não proibiu, só falou que no futuro, quando eu casar! (Leona)*”. Perceba que para Leona o fato de só poder se relacionar sexualmente com o outro no matrimônio não se constitui uma coibição.

Aliada às concepções e idealizações familiares que estes jovens vivenciam em torno da sexualidade, estão os dados sociais apontados pela cultura, religião e por outros participantes da rede de convivência desses sujeitos.

Exposto por Pinheiro (2009), a religião interfere significativamente em questões que se direcionam a sexualidade, foi nesse sentido que a religião se configurou um elemento de análise dessa subcategoria. As normas religiosas podem reforçar tabus, estigmas e se tornar repressores das relações afetivo/sexuais estabelecidas por esses indivíduos. Expressões como “*precisa casar*”, “*precisa noivar*”, “*no futuro só!*” relacionadas ao sexo denotam questões dogmáticas advindas da religião, a castidade que antecede o matrimônio é amplamente destacada por Leona, mais uma vez, numa significação às condições impostas sobre o estabelecimento de hierarquias entre os que são socialmente definidos como homens e mulheres.

Outro elemento de análise que emerge dessa subcategoria são as fontes de informação que também coexistem e atuam em dimensões de nossas vidas, entre elas a da sexualidade:

Mas como esquecer, especialmente na contemporaneidade, a sedução e o impacto da mídia, das novelas e da publicidade, das revistas e da internet, dos sites de relacionamento e dos blogs? Como esquecer o cinema e a televisão, os shopping centers ou a música popular? Como esquecer as pesquisas de opinião e as de consumo? [...] Vivemos mergulhados em seus conselhos e ordens, somos controlados por seus mecanismos, sofremos suas censuras. As proposições e os contornos delineados por essas múltiplas instâncias nem sempre são coerentes ou igualmente autorizados, mas estão, inegavelmente, espalhados por toda a parte e acabam por constituir-se como potentes pedagogias culturais (LOURO, 2008, p. 18).

Nesse sentido merece reflexão o momento da oficina voltado a trabalhar com estereótipos de beleza. Os jovens foram estimulados a destacar o que significava “ser bonito” e questões como “*corpo perfeito*”, “*magro*”, “*alto*” surgiram da discussão, apontando para padrões normatizados e compartilhados pela rede midiática que constantemente nos acompanha.

Todavia, aliada à todas essas questões formativas do viés sexual desses jovens está o referencial que é reconhecido e documentado enquanto mecanismo de formação e orientação sexual. Nessa instância, reconhecemos a importância do meio escolar na construção da sexualidade dos sujeitos e na desconstrução e superação de dogmas, tabus e estigmas relacionados a visão heteronormativa que fomos educados e educadas.

Inserida como um tema transversal, a sexualidade e suas diversas imbricações é reconhecida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1999) e portanto, no currículo

escolar. Mas se faz necessário problematizar a necessidade de profissionais capacitados para trabalhar com educação sexual.

Para Louro, (2000, p. 21) na escola os sujeitos são disciplinados para o silêncio oral, gestual e expressivo da própria corporeidade. “Um corpo escolarizado” que impedido de expressar-se em sua totalidade se habitua a apenas servir às tarefas intelectuais. Nesse viés, Bonfim (2012) afirma que esses alunos são vistos como meros receptores de conhecimento, sem subjetividade, sem a totalidade que adquirimos social e culturalmente:

A escola nega o corpo da criança, como se ela fosse apenas uma cabecinha, aberta a ser um depósito — como na concepção de “educação bancária” de Paulo Freire —, no qual são depositadas as informações — os conteúdos programáticos. Esse tipo de educação exclui o corpo, separa (BONFIM, 2012, p.55).

Os entrevistados demonstraram que agregada às concepções acima está a ideia de que o espaço escolar não é um espaço adequado e portanto, não pode estimular a prática sexual, como se a educação para a sexualidade fosse uma incitação à sua prática ilícita:

*Por exemplo, na escola é proibido, não pode falar sobre sexo, é feio! (Leona).*

*Aqui na escola não ensina sobre sexo, a professora ensina coisas importante mas não! Não, conversamos sobre sexo (Luciano).*

É importante destacar que esse desenho criado pelo jovens surdos da relação escola-sexualidade se deve à educação sexual pautada na visão médico/biologista/higienista que aborda apenas os métodos contraceptivos, a gravidez não planejada e as DSTs, dando um enfoque patológico à sexualidade, dissociando-a do ser e do prazer. Sobre essa referência negativa que a escola tem se tornado no campo da vida sexual, Bonfim (2012) aponta a necessidade da escola iniciar uma ampliação metodológica nas suas abordagens sobre o tema:

Faz-se necessário ressaltar o lado positivo, natural, significativo e belo da sexualidade, como afloração da vida, perpetuação, humanização do próprio ser humano, como capacidade de encontro não apenas de corpo, mas de alma, como capacidade de amar. A sexualidade envolve a magia do toque, a troca de afetos, a união de corpos, o desnudar de almas; a afetividade é que torna profundamente melhor esse aspecto tão essencial da vida (BONFIM, 2012, p. 69).

É com vistas a uma promoção de conhecimento sobre sexualidade que crie, nesses sujeitos, condições para tomadas de decisões assertivas, diminuindo a vulnerabilidade e



melhorando a vivência da sexualidade que se problematiza a próxima categoria, nas instâncias de como se constitui a saúde sexual dos jovens entrevistados.

### **Categoria 2b) Promoção da saúde sexual**

Esta categoria destaca o nível de informação no campo da sexualidade e a adesão a comportamentos preventivos. A promoção de saúde sexual se materializa numa perspectiva que vai além da simples busca pela diminuição ou eliminação de doenças mas que atribui enfoque aos processos de bem estar físico e psicológico:

Promover a saúde alcança, dessa maneira, uma abrangência muito maior do que a que circunscreve o campo específico da saúde, incluindo o ambiente em sentido amplo, atravessando a perspectiva local e global, além de incorporar elementos físicos, psicológicos e sociais (CZERESNIA, 2003, p. 40).

No que se relaciona ao comportamento sexual preventivo, envolvendo tanto a prevenção das DSTs, quanto da gravidez, os entrevistados demonstraram em suas falas a importância que dão à adoção dos métodos preventivos;

*Da importância de usar camisinha, que precisa usar pra fazer sexo, eu entendi e guardei ali (Aponta para a mochila) (Luciano).*

*Usando camisinha, que é uma proteção, o anticoncepcional, evitar de beber [...] Porque as vezes a mulher é boba, vai lá, faz sexo sem a proteção e acontece a gravidez. Precisa sim os pais explicarem sobre a proteção (Afirma decisivamente)! (Leona).*

*Eu acho que precisa evitar a gravidez enquanto muito jovem, ai pelos 12 e 15 precisa evitar, porque é um acontecimento não muito bom. Ai pelos 22- 25 é bom. É preciso conhecer a pessoa, precisa conversar com a família, ter respeito com o outro (Leona).*

Leona expõe, que o conhecimento do parceiro é uma atitude de prevenção, em concomitância ao exposto por Figueiredo (2000) em seu estudo com jovens universitários que caracterizam as relações de vínculo e fidelidade como prevenção adotada. Carneiro (2007) também denota que a díade amor e sexo geram uma mistificação de proteção, que vulnerabiliza principalmente mulheres em relações afetivo estáveis, numa utopia de imunidade. Na maioria das vezes essa fantasia preventiva negligencia os outros métodos de real eficácia para as DSTs e mesmo a gravidez.

Aliado a esses fatores, o comportamento preventivo está intrinsicamente ligado às informações que esses jovens recebem em relação à proteção. Então, no que se refere ao nível de informação que os surdos entrevistados possuem, é possível afirmar que num contexto atual

a educação sexual para surdos se vê diante de inúmeros empecilhos que causam precariedade na temática de informação preventiva. Os surdos tem de lidar com a dubiedade na falta de educadores especializados, visto que hora esses educadores não possuem a língua de sinais, hora não possuem formação na área de educação sexual. Além disso, não há materiais pedagógicos que atendam a demanda da surdez e menos ainda da educação sexual e em muitas escolas nem mesmo o currículo educacional se preocupa com a educação sexual voltada para esse público (PINHEIRO, 2009).

Luciano em sua primeira fala já caracterizou o silenciamento sexual e ao mesmo tempo a exposição à que é sujeito enquanto jovem surdo, inserido numa doutrina de “normalização” [...] “, às vezes as pessoas falam sobre mim. E as vezes eles escondem sobre o sexo [...]”

Não havendo uma demanda facilmente identificável da necessidade, a surdez não é perceptível aos olhos, como no caso das deficiências físicas, os jovens surdos acabam sendo arraigados em uma ilusória impressão de terem suas necessidades atendidas (SOARES; LACERDA, 2004), enquanto na realidade estão submetidos a vulnerabilidade no campo da saúde.

Sobre as doenças sexualmente transmissíveis, Leona menciona que: “*Tem a Aids, o câncer, dá pra pegar na vagina, no pênis, na boca [...] E a Aids prejudica o corpo. Por exemplo, ai a pessoa passa isso através do sexo, e vai passando, ai não adianta!*” (Leona).

O senso comum e a própria visão medico-higienista de educação sexual nos apontam para a necessidade de evitar o contágio de DSTs, o que chama atenção porém é que os surdos demonstram essas questões considerando o fato do afastamento e estigmatização, principalmente no tratante da AIDS: “[...] *Por exemplo, ai a pessoa passa isso através do sexo, e vai passando, ai não adianta! Tem que evitar o sexo com essa pessoa*” (Leona).

Neste contexto, é com a proposta há novos direcionamentos de educação sexual voltadas a jovens surdos que findamos essa dimensão. Numa necessidade de promoção e desenvolvimento de conhecimentos e habilidades que exercitem a tomada de decisão pautados em informações concisas e que auxiliem na adoção de comportamentos preventivos e por consequente numa vivência sexual plena e prazerosa. Enfatiza-se a ligação entre as duas dimensões, tendo em vista que, a vivência da sexualidade se constrói em instâncias subjetivas mas totalmente ligadas a educação sexual que esses sujeitos recebem ao longo da vida.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é produto de uma reflexão em torno de como jovens surdos do interior vivenciam suas sexualidades e como se dá o processo de educação sexual nesse âmbito.

No que trata-se da educação sexual dos jovens surdos, tema central desse estudo, a sexualidade não é projetada e trabalhada de maneira significativa e contundente nas escolas em que esses sujeitos se encontram. As raras manifestações de educação sexual se restringem ao campo biológico e profilático, ignorando-se os fatores afetivos, sentimentais, os fatores de prazer, intimidade, bem-estar e corporeidade que a sexualidade engloba.

A surdez não é um impedimento ao conhecimento e muito menos à vivência plena da dimensão sexual, mas a sociedade tem limitado as possibilidades desses sujeitos de fazê-la de maneira prazerosa. Assim, cada sujeito participante foi visto como uma apropriação de significados transmitidos pela família, escola, igreja, cultura, mídia, bem como de suas próprias reflexões. Uma autobiografia do seu ser sexual que não escapa das amarras impostas e estrategicamente colocadas pela sociedade que castra possibilidades de libertação e de vivência do prazer que nos pertence, que pertence a esses jovens surdos, por direito.

Confesso que mesmo em meio a dados que apontam que a sexualidade dos surdos segue numa perspectiva de prescrição e proibição, muitas das respostas desses jovens foi oposta a minha hipótese inicial e demonstrou que a interioridade não é fator relevante na problematização da vida sexual. Os problemas enfrentados no âmbito da informação não se deve ao “atraso” pelo qual o interior é demarcado e caracterizado, mas aos problemas de comunicação, consequentes de uma sociedade oralista e ouvinte.

Esse trabalho anseia pela criação de condições que oriente esses jovens a entender a sexualidade como parte constituinte de suas identidades, numa perspectiva de ética, saúde e amorosidade, destituída de estigmas e tabus.

Além desses dois jovens, quantos outros surdos anseiam por momentos de socialização, de descontração, de conversas sem a barreira do preconceito e do desconhecimento à sua linguagem? Foi em um dos encontros, antes da oficina, que Luciano me perguntou “*Porque está estudando a gente, você gosta de surdos, gosta da LIBRAS?*”. Talvez minhas palavras não apreendam o real significado e a intensidade que alguns gestos representaram para mim enquanto pesquisadora, mas necessito apontar aqui que fui subvertida numa caótica certeza de que tenho a urgente necessidade de aprender a língua de sinais e responder a quantos surdos ainda tiver contato “Sim, eu gosto de surdos, porque não haveria de gostar?”.

Ratifica-se a necessidade de pesquisas que corroborarem nos questionamentos de preconceitos, de tabus, de acepções heteronormativas e educação sobre a sexualidade e surdez e ainda de estudos que visualizem a construção sexual dos surdos na infância, tendo em vista que esse período contém o material central para a formação da sexualidade do adulto.

Desta forma esse trabalho adota uma postura de problematização e reflexão da vivência e da educação sexual de surdos, na perspectiva de que outros tantos se engajem nesse processo de luta por direitos silenciados. Que esses surdos não tenham mais de pedir desculpas por não serem compreendidos e que se entenda, de uma vez por todas, o que Leona nos enfatizou “*surdo tem amor normal!*” e ainda acrescentaria, surdo têm sexualidade, surdos têm direitos no campo reprodutivo, no campo da saúde e educação sexual.

[...] Ofereço-lhes minha diferença. Meu coração não é surdo a nada neste duplo mundo...” (LABORIT, 2000, p.148).

## REFERÊNCIAS

AMATUZZI, Mauro Martins. A subjetividade e sua pesquisa. **Memorandum**, v. 10, p. 93-97, 2006. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a10/amatuzzi03.htm>>. Acesso em: 22 out. 2014.

ÁVILA, Maria Betânia. Direitos sexuais e reprodutivos: desafios para as políticas de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. Sup 2, p. S465-S469, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v19s2/a27v19s2.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECHE, Rose ClérEstivalette. **A sexualidade do surdo: retalhos silenciosos na constituição da sua indentidade**. 2005. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102724/223425.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 maio 2015.

BENTO, Isabel CB; BUENO, Sonia. A AIDS sob a ótica do surdo adulto jovem. **DST j. bras. doenças sex. transm**, v. 17, n. 4, p. 288-294, 2005.

BISOL, Cláudia Alquati. **Adolescer no contexto da surdez: questões sobre a sexualidade**. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Rio grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14290>>. Acesso em: 16 set. 2014.

BONFIM, Cláudia. **Desnudando a educação sexual**. Campinas, SP: papirus, 2012. — (Coleção Papirus Educação).

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Temas Transversais. 3 ed. Brasília: MEC/SEF, 1999

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, Sexualidade e Currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. [Belo Horizonte]: Autentica, [2013]. 174 p. ISBN 9788586583339.

BUTLER, Jutith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CORRÊA, Sônia; JANNUZZI, Paulo de Martinho; ALVES, José Eustáquio Diniz. Direitos e saúde sexual e reprodutiva: marco teórico-conceitual e sistema de indicadores. In: CAVENAGHI, Suzana (Org.). **Indicadores municipais de saúde sexual e reprodutiva**. 2006. Rio de Janeiro: ABEP, Brasília: UNFPA, 2006, p. 27-62. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/outraspub/ind\\_mun\\_saude\\_sex\\_rep/ind\\_mun\\_saude\\_sex\\_rep\\_capitulo1\\_p27a62.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/outraspub/ind_mun_saude_sex_rep/ind_mun_saude_sex_rep_capitulo1_p27a62.pdf)>. Acesso em: 19 out. 2014.

CURSINO, Helen Milene et al. Orientação sexual para jovens adultos com deficiência auditiva. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 12, n.1. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382006000100004>>. Acesso em: 18 out. 2014.

DADOORIAN, Diana. O anjo e a fera: sexualidade, deficiência mental, instituição. **Cadernos de Saúde Pública**, v.21, n.6, p. 1962-1963, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2005000600048>>. Acesso em: 18 set. 2014.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. A Língua de Sinais Constituinte o Surdo como Sujeito. *Educação e Sociedade*, vol. 26, n. 91, p. 583-597, 2005.

DOMINGUES, Álvaro (1997), **Desenvolvimento do Interior**, Jornada da Interioridade, Perspectivas de Desenvolvimento Interior, Colóquio promovido pelo Presidente da República durante a Jornada da Interioridade. Disponível em <<http://jorgesampaio.arquivo.presidencia.pt/pt/biblioteca/outros/interioridade/index.html>> Acesso em: 16 set. 2014.

FIGUEIREDO, Marta Maria Oliveira de. **Auto isolamento ou exclusão? As diferentes visões sobre surdos**. 2009. 71 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação Especial, Faculdade de Santa Helena, Recife, 2009. Disponível em: <<http://www.suvag.org.br/arquivos/mmof.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2015.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

GLAT, Rosana. A sexualidade da pessoa com deficiência mental. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.7, n. 1, p. 65-74, 1992.

HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Família e sexualidade**. Maria Luiza Heilborn. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2004, 153 p.

JUSTO, José Sterza. O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Rev. Dep. Psicol.**, UFF [online]. 2005, vol.17, n.1, pp. 61-77. ISSN 0104-8023. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232005000100005>> Acesso em 15 maio 2015

LABORIT, Emmanuelle. O grito da Gaivota. Título original: Le cri de lamouette: Tradução: Angela Sarmento. (2a edição); Tipografia Lousanense, Ltda; Lisboa, 2000, p. 1-148.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. **A percepção de jovens surdos sobre sua sexualidade**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

\_\_\_\_\_. **Surdez e sexualidade: uma discussão sobre a necessidade de empoderamento linguístico e acesso à informação**. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 8, 2010, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2010. Disponível em: <<http://www.portalanpedsul.com.br>>. Acesso em: 04 out. 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 9-34.

\_\_\_\_\_. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Proposições**, 2008. 19( 2), p. 17-23.

MARTINS, Emerson. **Cultura surda, educação e novas tecnologias em Santa Catarina**. 2005. 204 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102705>>. Acesso em: 13 set. 2014.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 350p.

NACIONES UNIDAS. **Informe de la Conferência Internacional sobre laPoblación y elDesarrollo: el Cairo**, 5 a 13 de septiembre de 1994. Nueva York: Naciones Unidas, 1995. Disponível em: <[https://www.unfpa.org/webdav/site/global/shared/documents/publications/2004/icpd\\_spa.pdf](https://www.unfpa.org/webdav/site/global/shared/documents/publications/2004/icpd_spa.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2014.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A educação Sexual da Criança**: Subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. - Campinas, SP, 2000.

OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de. **Sexualidade, maternidade e gênero: experiência de socialização de mulheres jovens de estratos populares**. 2007. 232 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <[file:///C:/Users/andreia/Downloads/DissertacaoElisabeteBaptista \(1\).pdf](file:///C:/Users/andreia/Downloads/DissertacaoElisabeteBaptista%20(1).pdf)>. Acesso em: 20 maio 2015

ORLANDI, Renata, Filgueiras TONELI, Maria Juracy. Adolescência e paternidade: sobre os direitos de criar projetos e procriar. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 2, p. 317-326, abr./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287122107014>>. Acesso em: 03 nov. 2014.

ORLANDI, Renata. **Participação da rede social significativa de mulheres que vivem e convivem com o HIV no enfrentamento da soropositividade**. Tese de doutorado. Florianópolis. 2011.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude—alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV (105-106), 1990.

PAULA, Ana Rita; SODELLI, Fernanda Guillard; FARIA Glaucia; GIL, Marta; REGEN Mina; MERESMAN Sérgio. Pessoas com deficiência: pesquisa sobre a sexualidade e vulnerabilidade. **Temas Desenvolv**. 2010;17(98):51-65. Disponível em <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/imagens/artigos/diario/artigo%20publicado%20memnon.pdf>> acesso em 20 maio 2015.

PINHEIRO, Zuleide Brandão. **O surdo adolescente e a sexualidade: Alternativas para uma educação sexual**. 2009. 75 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação Especial, Faculdade Santa Helena, Recife, 2009. Disponível em: <<http://www.suvag.org.br/arquivos/zbp.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2015.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de Surdos - a aquisição da linguagem**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.

REIS, Verônica Lima dos; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Educação Sexual na Escola com a Participação da Família e o uso de Novas Tecnologias da Educação: Um Levantamento Bibliográfico. **Cadernos de Educação**, n. 41, p. 188-207, jan./fev./abr. 2012.

RIBEIRO, Karen. **Sexualidade e gênero: estudo das relações afetivas de jovens surdas de uma escola municipal de educação especial de São Paulo**. 2011. 210 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação ecafeem Educação, São Paulo, 2011.

Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos. [2. ed.] / coordenação geral SEESP/MEC. - Brasília: **MEC, Secretaria de Educação Especial**, 2006. 116 p. (Série: Saberes e práticas da inclusão)

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educação & Sociedade**, v. 26, n.91, p. 565-582, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302005000200013>>. Acesso em: 15 set. 2014.

SCHINDHELM, Virginia Georg. A construção da sexualidade infantil. Considerações sobre o papel do educador. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, 5., 2011, Maringá. **Anais...**. Maringá: Abrapee, 2011. p. 1 - 15. Disponível em: <<http://www.abrapee.psc.br/xconpe/trabalhos/1/8.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 1995. p.71-99.

SILVA, Lígia Veloso Marinho da; COELHO, Edméia de Almeida Cardoso. Experiências sexuais de mães adolescentes, vulnerabilidade e dupla proteção. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 25, n. 2, p.133-144, maio 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6858/1/CC.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2015.

SOARES, Fabiana M. R; LACERDA, Cristina B. F. de. O aluno surdo em escola regular: um estudo de caso sobre a construção da identidade. In: GÓES, Maria Cecília Rafael de; LAPLANE, Adriana Lia Friszman de. (Org.). **Políticas e práticas de educação inclusiva**. Campinas: Autores Associados, 2004.

SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Mediação. 2001.



STENGEL, Marcia; TOZO, Stella Maria PolettiSimionato. Projetos afetivos-sexuais por adolescentes e seus pais. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 2010. 5(1), 72-82. Disponível em <[http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume5\\_n1/stengel\\_e\\_tozo.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume5_n1/stengel_e_tozo.pdf)> Acesso em 16 maio 2015

TAQUETTE, Stella R; VILHENA, Marília Mello de. Uma contribuição ao entendimento da iniciação sexual feminina na adolescência. **Psicol. estud.** vol.13, n.1, p. 105-114. ISSN 1807-0329. 2008. Disponível<<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000100013>> acesso 21 maio 2015

TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Sexualidade, gênero e gerações: continuando o debate. In JACÓ-VILELA, AM; SATO, L. (Orgs). **Diálogos em psicologia social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 147-167. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 26 out. 2014.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>>Acesso em: 15 out. 2014.

VIEIRA, Raluca Elena Fonseca. **Entre ficar ou partir as expectativas dos jovens do interior e o desenho das políticas**. 2009. 243f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Coimbra, Faculdade de Economia, Coimbra, 2009. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/11492>>. Acesso em: 15 set. 2014.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com as juventudes**. Brasília: 2004. 304p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001359/135923por.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2014.

VIEIRA, Elaine. VOLQUIND, Léa. **Oficinas de Ensino: O que? Por quê? Como?** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. 1984. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 132 p

## APÊNDICES

### Apêndice 1. Roteiro de Entrevista Semiestruturada

#### *1. Dados sociodemográficos*

Escolha um nome para você:

Data da entrevista:

Local da entrevista:

Data de nascimento:

Situação conjugal:

Nível de escolaridade:

Religião:

Cidade onde reside:

Mora com quem (familiares, amigos, conjugue):

#### *2. Sexualidade*

2.1. Como é o seu contato com colegas ouvintes e surdos fora da escola? Sobre o que costumam conversar?

2.2. O que você pensa sobre sexualidade?

2.3 Você já namorou? Ficou? Casou? Se apaixonou?

2.4. Você pretende ter filhos?

2.5. Em um namoro ou “rolo” como é a relação com o parceiro ou a parceira? Há beijos, abraços, carícias e sexo? O que você considera por “sentir prazer”?

2.6. Consegue me descrever uma diferença entre namorar outro(a) surdo(a) e namorar um(a) ouvinte?

2.7. Há pessoas que falam sobre sexo ou relações nesse sentido com você (Família, professores, amigos)?

2.8. Você acredita que existe um momento certo para ter relação sexual?

2.9. Você conhece algum método contraceptivo? Quais? Quem te falou sobre eles?

2.10. Para você há coisas que os homens podem fazer e as mulheres não podem? Ou coisas que as mulheres podem fazer e os homens não podem?

1.11. A escola ou o Centro de Atendimento a surdos (CAS) tratam sobre o tema da sexualidade? Como?

1.12. Como os familiares lidam com a sua sexualidade?

## **Apêndice 2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

### **SEXUALIDADE E SURDEZ: SOBRE O SILENCIAMENTO DA VIVÊNCIA SEXUAL DE JOVENS SURDOS DO INTERIOR DO PARANÁ**

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **SEXUALIDADE E SURDEZ: SOBRE O SILENCIAMENTO DA VIVÊNCIA SEXUAL DE JOVENS SURDOS DO INTERIOR DO PARANÁ**, desenvolvida por *Andréia Belusso*, discente de graduação em Ciências Biológicas - licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Realeza, sob orientação da professora Dr<sup>a</sup> Renata Orlandi.

O objetivo central desse estudo é investigar o processo de educação sexual vivenciado por jovens surdos moradores de cidades do interior do Paraná. O convite a sua participação se deve à você fazer parte do Centro de Atendimento a surdos (CAS) na região de abrangência do Núcleo Regional de Educação (NRE) de Francisco Beltrão-PR. Salientamos a importância de sua participação, contribuindo assim tanto para a área de pesquisa em Ensino de Biologia voltada para a educação especial, como também, para promover a democratização de saberes e favorecer a emancipação e a vivência plena da sexualidade.

Sua participação não é obrigatória e você pode decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Sua participação é voluntária e serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro. Seu nome não aparecerá em nenhum momento da pesquisa.

A sua participação consistirá em: a) Realização de entrevista com duração de aproximadamente 40 minutos, sendo que esta será filmada somente para a transcrição das informações. Para transcrição dos dados somente a pesquisadora, sua orientadora e uma intérprete de libras terão acesso às filmagens. Ao final da pesquisa, os dados serão mantidos em arquivos físico ou digital, por um período de cinco anos. b) Participação na intervenção/oficina sobre educação sexual aplicada pela pesquisadora.

Considerando-se que toda e qualquer pesquisa envolve riscos, faz-se importante esclarecer que o sujeito entrevistado e observado poderá sentir desconforto em compartilhar informações pessoais ou confidenciais ou em alguns tópicos pode sentir incômodo em se expressar. De toda forma, a pesquisadora deixará claro que o sujeito não precisa responder a qualquer pergunta, caso considere que a informação é muito pessoal ou sentir desconforto em manifestar-se.

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é, entre outros, o da reflexão em torno de sua própria sexualidade, bem como a compreensão sobre os seus direitos sexuais e reprodutivos e a influência destes na sua vida. Além de que a presente pesquisa-ção irá fomentar e democratizar saberes e o debate sobre a vivência da sexualidade entre os jovens surdos interioranos. Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via. Desde já agradecemos sua participação!

Realeza \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Profª. Drª Izabel Aparecida Soares

Contato profissional com a pesquisadora responsável:

Tel: UFFS sala XXX, Fone: (46) 3543-8375

E-mail: renata.orlandi@uffs.com.br

Endereço para correspondência: Rua Edmundo Gaievski, 1000, Acesso: Rodovia PR 182, Km 466,

Realeza, PR, CEP: 85770-000.

*“Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS”:*

Tel e Fax - (0XX) 49- 2049-1478

E-Mail: cep.uffs@uffs.edu.br

**[http://www.uffs.edu.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2710&Itemid=1101&site=proppg](http://www.uffs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2710&Itemid=1101&site=proppg)**

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rua General Osório, 413D - CEP: 89802-210 - Caixa Postal 181 – Centro - Chapecó - Santa Catarina – Brasil)

**Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.**

Nome completo do (a) participante: \_\_\_\_\_

RG ou CPF: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

### Apêndice 3. Termo de consentimento para uso de imagem e vídeo

#### TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM

Eu, \_\_\_\_\_permito que as pesquisadoras Izabel Aparecida Soares e assistente Andréia Belusso obtenham fotografia e filmagem de minha pessoa para fins da pesquisa científica/ educacional intitulada: **Sexualidade e surdez: sobre o silenciamento da vivência sexual de jovens surdos do interior do paraná**

Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa, possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, minha pessoa, não deve ser identificada, tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma.

As fotografias e vídeos ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Terão acesso aos arquivos a responsável pelo projeto Izabel Aparecida Soares, a assistente Andréia Belusso e a intérprete Aline Pin.

Assinatura do Participante da Pesquisa:

---

---

**Izabel Aparecida Soares**